

Jornal O Cruzeiro do Sul: uma análise do jornal 1944-1945

Newspaper O Cruzeiro do Sul: An analysis of the newspaper 1944-1945

Lucas Castelo Branco Ferreira

Licenciado em História pela UFPI, Membro do GT de História Militar da ANPUH PI

Johny Santana de Araújo

Doutor em História pela UFF, Professor de História da UFPI, Coordenado do GT de
História Militar da ANPUH PI

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o jornal “O Cruzeiro do Sul”, tendo como foco a representação da Força Expedicionária Brasileira e o papel dos pracinhas, enquanto soldados que estavam representando a nação brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Os conceitos de representatividade, que embasaram a pesquisa, foram importantes para compreender as apropriações feitas pelo editor do jornal, utilizando-os de maneira a deixar em destaque através dos textos e discursos que continham no periódico. A partir das análises realizadas durante a discussão, foi possível concluir, através dos textos do periódico, do jornal “O Cruzeiro do Sul”, a relevância da representatividade da Força Expedicionária Brasileira, sua participação no contexto pré-guerra e durante guerra. Também é evidenciada a colaboração dos pracinhas na guerra, os feitos e realizações que os tornaram representativos, do ponto de vista de suas ações de combate no front como uma força de apoio as nações amigas.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. O Cruzeiro do Sul. Jornal. Segunda Guerra Mundial.

Abstract: This work aims to analyze the newspaper “O Cruzeiro do Sul”, focusing on the representation of the Brazilian Expeditionary Force and the role of the soldiers representing the Brazilian nation during World War II. The concepts of representativeness, which underpinned the research, were important to understand the appropriations made by the newspaper’s editor, using them in a way that highlighted them through the texts and speeches contained in the periodical. From the analyses carried out during the discussion, it was possible to conclude, through the texts of the periodical, the newspaper “O Cruzeiro do Sul”, the relevance of the representativeness of the Brazilian Expeditionary Force, its participation in the pre-war context and during the war. The collaboration of the soldiers in the war is also evidenced, the deeds and achievements that made them representative, from the point of view of their combat actions on the front as a support force for friendly nations.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force. The Southern Cross. Newspaper. World War II.

O jornal “O Cruzeiro do Sul” tem contribuição de extrema relevância no desenrolar da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, na participação da Força Expedicionária Brasileira, como uma força de coalizão contra os países do Eixo. A utilização das fontes hemerográficas, na qual trata este capítulo, permite uma investigação de um momento ou fato histórico, identificando fenômenos sociais, políticos, econômicos, e outros aspectos da época em questão, sobretudo, do lugar de fala, de onde é produzido, qual o interesse de noticiar, e por quem é produzido esse material. O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica.¹ A evidenciação da particularidade deste lugar de onde falo, efetivamente prende-se ao assunto de que se vai tratar e ao ponto de vista através [Pg. 031] do qual me proponho examiná-lo.²

O Cruzeiro do Sul foi um jornal produzido pelo Serviço Especial da Força Expedicionária Brasileira. Foi uma publicação regular, editada duas vezes por semana, produzido de 03 de janeiro a 31 de maio de 1945, totalizando 34 edições. No entanto, sua circulação ficou restrita à Itália. Foi o principal veículo impresso para formar a opinião dos soldados brasileiros sobre a Segunda Guerra Mundial. Em suas páginas encontram-se notícias do Brasil e do mundo, dos esportes, e também artigos dos correspondentes de guerra que acompanhavam a FEB, entre eles: Rubem Braga (do Diário Carioca); Egídio Squeff (O Globo); Joel Silveira (Diários Associados); Raul Brandão (Correio da Manhã) e Francis Hallawell (BBC de Londres) e principalmente do último ano da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da Força Expedicionária Brasileira. A chefia da redação ficou com o cabo José Cesar Borba, que também assinava a coluna Cartas do Brasil. Suas 34 edições chegaram ao Brasil por causa do General Mascarenhas de Moraes, o comandante geral da FEB. Ele guardou as edições em uma encadernação de couro, e depois foi confiada ao seu neto, coronel Roberto Mascarenhas. O jornal era impresso em Florença e tinha uma tiragem estimada de 5.000 exemplares.³

O jornal iniciou-se com o intuito de manter os “pracinhas”⁴ informados dos fatos que estavam ocorrendo em diversas áreas da região onde estavam combatendo – na Itália. Uma vez que muitos encontravam-se no front de batalha, outros em operações mais afastado da base onde se concentrava a redação e informações dos acontecimentos, necessitavam desse meio de informação para ficarem cientes do que ocorrera durante a semana. Importante salientar, como mencionado anteriormente, que nesse jornal além de levar informações sobre a guerra propriamente dita, continha noticiários do Brasil, dando oportunidade de os soldados terem um pouco de “contato” com o país de origem. Desde a sua primeira edição até a última, o jornal se propõe a mostrar não somente o desenrolar do último ano da grande guerra. Mas também o que estava acontecendo com a terra natal, principalmente através da coluna *O que*

1. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008. p. 118.

2. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 23.

3. REIS, Dércio Cardoso. **O PERIÓDICO O CRUZEIRO DO SUL (1945): UMA ANÁLISE INICIAL**. 10 encontro internacional de formação de professores. 11 fórum permanente internacional de inovação educacional. p. 2.

4. Pracinha é a denominação dada aos soldados brasileiros que lutaram em solo europeu durante a Segunda Guerra Mundial.

Vai pelo Brasil (com acontecimentos de ordem política e social) e a dos *Esportes* (privilegiando o futebol). Para os combatentes matarem a saudade de seu país, a partir da segunda edição (07 de janeiro de 1945) havia sempre a imagem de umas das principais cidades do Brasil, geralmente na página 3, começando pela cidade de São Paulo.⁵ De outro modo, o jornal também teve a atribuição de substituir a “Ordem do dia”⁶, transformando esse, em um informativo mais amplo. Fazendo uma análise mais profunda dessa questão, é possível perceber que de forma intencional ou não, aqueles que desenvolveram essa atividade, permitiram um registro histórico imprescindível concedendo um amplo estudo sobre assunto. Ainda que o jornal – O Cruzeiro do Sul – não chegasse ao Brasil durante os conflitos na Itália, chegaria pós-conflito, dando a oportunidade para vários pesquisadores, entusiastas e outros, analisarem e observarem o que foi destacado, o que não foi, mas pôde ser observado nas entrelinhas. Nesse sentido, analisando esse material, compreende-se o momento vivenciado pelos soldados da Força Expedicionária Brasileira e a sua representação.

Na primeira página do jornal, podemos encontrar as imagens dos comandantes Generais dos Exércitos dos E.U.A – Mark W. Clark, Willis D. Crittenger, e do Brasil – Mascarenhas de Moraes, os quais transmitem suas mensagens de apoio e solidariedade para a criação e publicação do jornal O Cruzeiro do Sul.

Falam os Chefes Aliados para ‘O Cruzeiro do Sul’. Editores do Cruzeiro do Sul. Q.G. da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Senhores:

Tendo observado o interesse que todos os soldados mostram pelos jornais das suas bjetivo unidades, sinto que a Fôrça Expedicionária Brasileira, publicando << O Cruzeiro do Sul>> faz uma grande contribuição para o moral e entretenimento dos seus homens.

Uma publicação como essa em virtude do seu intimo, pessoal contáto com as tropas a que serve, é um dos melhores meios para mantê-las informadas dos assuntos da sua organização.

Tenho a certeza de que <<O Cruzeiro do Sul>>, impresso na bjeti do Brasil, terá um acrescido valor para os soldados da F.E.B.. Cumprimento os editores e todos os outros responsaveis pela publicação desse excelente jornal e olho para frente, para o dia em que as suas <<manchetes>> anunciarão a queda do nosso inimigo comum.

Sinceramente

Mark W. Clark *Lieutenant General, USA Commanding*

Ao <<cruzeiro do sul>>

É para mim um grande prazer aproveitar esta oportunidade, através do primeiro numero do O Cruzeiro do Sul, para levar a minha saudação de soldado aos oficiais e praças da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Depois de meses de preparação e treinamentos, assumisteis agora o vosso lugar como uma potente força combatente, sob o vosso notável e ilustre Comandante, General João Batista Mascarenhas de Moraes, ao lado dos exércitos das Nações Unidas, na luta para a paz do mundo e para a democracia.

5. REIS, Dércio Cardoso. **O PERIÓDICO O CRUZEIRO DO SUL (1945): UMA ANÁLISE INICIAL**. 10 encontro internacional de formação de professores. 11 fórum permanente internacional de inovação educacional. p. 2.

6. Lista que contém os assuntos, tópicos e quaisquer funções ou tarefas, a serem discutidos e deliberados numa assembleia, conferência, ofício ou trabalho, indicando o que deverá ocorrer. Acesso em: <<https://www.dicio.com.br/ordem-do-dia/>> Acesso em: 20 out, 2019.

Camaradas em Armas, eu vos saúdo!

Willis D. Crittenberger Major General, U. S. Army, Commanding

A Fôrça Expedicionária Brasileira trouxe para os campos de batalha da Europa mais de três séculos de tradição de amor à liberdade, bravura e tenacidade da nossa raça.

Pelas provas a que já se submeteram aqui na Itália, permito-me afirmar que os nossos soldados não empanarão o brilho dos feitos do Exército de Caxias. Pelo contrário, quando regressarmos ao Brasil, estou certo que acrescentaremos novos laureis aos triunfos e glórias que constituem braços das nossas armas e são o orgulho de muitas gerações de brasileiros.

General Mascarenhas de Moraes⁷

Os discursos de boas novas dos generais ao jornal, evidenciam o prestígio e valor que os soldados brasileiros possuem dos seus aliados. Os seus feitos, enquanto soldados no campo de batalha, já tinham sido colocados à prova e vistos com apreço. “[...] o texto do 1º Tenente Pedro Cavalcanti *A tentação da bravura conduz além da missão*: “O Brasil não só esteve presente na batalha pela destruição do nazi-facismo [SIC], como lavou sua honra ultrajada vil e covardemente nas caladas da noite. Nossos mortos estão sendo vingados!” (Ano I nº 13, p.2)”⁸. Além disso, o jornal tinha uma atenção voltada a educação dos pracinhas para eliminar as armadilhas que os inimigos sorrateiramente apregoavam e com outras armas – os jornais – os soldados brasileiros, através do serviço especial da F.E.B, expandiam suas atuações na Itália. Essa preocupação é demonstrada na pequena nota *Cuidado com os espiões*, sempre alertando os nossos soldados. Exemplo de uma das frases: “Fecha tua bje [SIC] para assuntos militares. Bôca [SIC] fechada não entra moscas... nem bala” (Ano I nº 14, p.2)⁹. Ainda sobre o primeiro jornal, da primeira edição, pode-se notar através das imagens dos generais estampada na capa, com os olhares altivos e focados, a postura, as mensagens que transmitiam além da escrita, de que alcançariam os seus objetivos: de manter a paz e eliminar qualquer ameaça para com a democracia. A nota do próprio jornal, no final da página, deixa claro o desejo e a busca pelo qual uniu as forças aliadas que estão em destaque na capa, “liberdade dos povos”.

Muito embora o jornal só chegasse ao Brasil após a guerra, as notícias a respeito do conflito corriam por todo o mundo, inclusive no Brasil, e através de uma das matérias do jornal, “Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal”¹⁰, o Major Reynaldo Saldanha – chefe da sessão especial da F.E.B – lê uma mensagem escrita pelo General Mascarenhas de Moraes, desejando boas festas aos soldados brasileiros que haviam deixado o Brasil para ir à guerra e em mesma medida demonstrando para os brasileiros que ficaram no Brasil, o seu orgulho de poder representar o seu país no mediterrâneo na defesa contra os inimigos e sua disposição para alcançar a vitória. Explica que apesar das condições adversas, em decorrência da guerra, todos os combatentes realizavam suas festas de Natal, porém mantendo o seu posto. E como forma de amenizar a saudade daqueles que estavam em campanha para com seus familiares,

7. Falam os Chefes Aliados para “O Cruzeiro do Sul”. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 1.

8. REIS, Dércio Cardoso. **O PERIÓDICO O CRUZEIRO DO SUL (1945): UMA ANÁLISE INICIAL**. 10 encontro internacional de formação de professores. 11 fórum permanente internacional de inovação educacional.

9. REIS, Dércio Cardoso. **O PERIÓDICO O CRUZEIRO DO SUL (1945): UMA ANÁLISE INICIAL**. 10 encontro internacional de formação de professores. 11 fórum permanente internacional de inovação educacional.

10. Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

foi reunido um grupo de soldados que transmitiriam seus sentimentos e condições para os que os aguardavam no Brasil.

Festejem o Natal de 1944 porque a ele nos associamos, realizando a nossa festa no mesmo tempo.

Os soldados brasileiros comemoraram o seu Natal como é possível fazê-lo nas condições de uma tropa empenhada. Também possuímos as nossas árvores simbólicas, mesmo nas primeiras linhas. E cada um nós escreve os cartões de Boas Festas, com palavras de carinho para aqueles a quem estima, porque o coração não muda apesar das rudes condições de campanha.

Só não é possível colocar os sapatos à beira da cama ou junto ao fogão. O fogo não é permitido acendê-lo à vista do inimigo. Os sapatos são aqui um par de botas de combate; ficam sempre nos pés e o único presente que o soldado pede ao Papai Noel é conservar no corpo que esses pés sustentam o coração rijo do guerreiro; um coração quente para resistir ao frio deste Natal de neve.

Faltava, porém, um complemento para a festa do soldado. Era uma palavra aos seus. E por isso bje vieram, como representantes de todos, os componentes de um pequeno grupo, para falarem a Você.

A Você, esposa brasileira, que aguarda ansiosa o fim de tão longa separação, vivendo corajosamente a incerteza dos dias de agora. A Você, noiva, que ainda receberá de braços abertos o veterano cansado, para recompensá-lo do sacrifício que faz. A Você, mãe de um expedicionário, a Você, filha ou irmã de um soldado, a Você que nos quer bem e que reza por nós.

Estamos tão longe e ainda assim tão próximos de Você. Não há instante em que o soldado não tenha o pensamento voltado para a pessoa querida. No frio das trincheiras e na lama das estradas, nas curtas horas de descanso ou nas longas horas de combate, na linha de frente ou nos hospitais, é a saudade de Você que anima o expedicionário, é a lembrança de Você que dá nova coragem para a luta.¹¹

Das palavras do General Mascarenhas de Moraes, percebe-se, como o representante máximo da Força Expedicionária Brasileira, externa o valor do Exército Brasileiro para todos os cidadãos, os quais almejam que a vitória chegue o quanto antes e todos possam voltar para o seio de suas famílias, para o Brasil.

Damos a Você, em retribuição, a garantia de que somos dignos soldados do Brasil, guardando, intacto, o brilho das melhores tradições das nossas forças armadas. Porque é para Você que lutamos, para lhe assegurar uma vida feliz, para lhe poupar os sofrimentos que contemplamos bje, para lhe oferecer a liberdade.

Que o Brasil receba, no Natal de 1944, na palavra dos homens que têm a honra de vestir a farda de expedicionário, o juramento de que alcançaremos a vitória.

E, que Você receba, com o calor que falta a uma noite tão fria, o beijo do soldado que luta para Você.¹²

O seu discurso permite uma análise da representatividade como um mantenedor da paz e da liberdade frente as ameaças dos inimigos – Eixo, para a população brasileira, bem

11. Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

12. Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

como, para os soldados brasileiros que estavam engajados, como um líder, se colocando na situação de cada combatente. “[...] a representação é um processo pelo qual institui-se um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar de quem representa.”¹³ Ainda em Chartier (1991), vemos que a representação é o produto do resultado de uma prática. [...] A representação é uma referência e temos que nos aproximar dela, para nos aproximarmos do fato. A representação do real, ou o imaginário é, em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.¹⁴

Nesse sentido, evidencia-se através dos acontecimentos relatados pelo jornal, em cada uma das matérias, o empenho dos soldados brasileiros em fazerem-se presentes naquele confronto de forma significativa, fazendo-se valer as suas presenças e ações. Outra matéria no jornal, “Vida de acampamento”, mostra a bravura dos soldados em darem o seu melhor para que todos possam ser bem-sucedidos em suas ações e assim obterem um resultado positivo, desde o comando de operações, onde se concentram o alto escalão, até os soldados que se posicionam no front de batalha. O editor do jornal também deixa claro que o funcionamento do dia a dia no acampamento é como uma engrenagem, todos têm suas posições e sabem o que devem fazer, agem como um só corpo.

Começa o expediente. Não há ponto. Para que ponto, se todos os habitantes dêste aldeamento militar onde não pode haver desocupados sabem que a pontualidade é predicado tão importante na vida do soldado quanto a disciplina. A ordem é trabalhar e trabalha-se. Aparentemente não se percebe o trabalho. Têm-se mesmo a impressão de que dentro daquelas tendas de lona improvisadas em verdadeiras repartições não haja o que fazer. Mas trabalha-se. Trabalha-se sem interrupção, sem alarde, sem personalismos. Daí a falsa aparência.

É que o trabalho tem um fim coletivo, diretamente ligado e coordenado com a movimentação e segurança da tropa nas linhas da vanguarda.

Procurando enfronhar-me sobre algumas particularidades do funcionamento dos variados serviços de um QG, pareceu-me que todos se haviam combinado para a mesma resposta. O trabalho de cada uma das seções componentes de um QG é o reflexo da administração militar impessoal e indivizível.¹⁵

Tomando para análise as palavras do editor, observa-se que ao realizar esse trabalho de mostrar o dia a dia dos soldados brasileiros no acampamento, há um alinhamento nas respostas coletadas por ele, fortalecendo o seu discurso em dizer que o trabalho desempenhado por todos, naquela área, era indivisível. A partir dos trabalhos administrativos realizados pelos que ali compunham o corpo, havia nos campos de batalha e front, a extensão dessas atuações na base, e que sem dúvida eram primordiais para o sucesso, visto que o objetivo era um só: combater o inimigo.

Observa-se também as particularidades das atuações de alguns combatentes e suas ações heroicas, vistas as condições do momento em que atuaram, ademais as promoções, in-

13. MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Nº 57 – dezembro de 2003. p. 4.

14. MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Nº 57 – dezembro de 2003. p. 4.

15. Vida de acampamento. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

QG é uma sigla para Quartel General, ou seja, o lugar ocupado por oficiais generais.

sígnias e distintivos, que tinham uma representação de coragem, bravura, valor individual, para cada combatente.

O comandante da FEB tem relevado uma superior compreensão dos frutos que hão de perdurar do entrelaçamento cada vez mais íntimo entre os brasileiros e norte-americanos. O seu ajudante geral, tenente-coronel Oswaldo de Araujo Mota, militar brilhante, e outros oficiais de seu QG foram elevados de posto. O general reúne a oficialidade para congratular-se com os promovidos e, ao mesmo tempo, para que ele assista a imposição das bjetivo de um oficial da aviação dos Estados Unidos, piloto de seu avião de comando, o tenente Walter W. Byron, que também acabava de ser contemplado com sua promoção.

O 1º tenente Afranio Viçoso Jardim, quando em desempenho de uma missão, em companhia do tenente John Johnson, em viagem de Pisa para Livorno, presenciou a queda acidental de um Beaufighter. Imediatamente, o oficial patrício, verificando não haver embarcação alguma para atravessar um rio com 40 metros de largura, sem váu, tirou a roupa e nadou ainda a tempo de recolher, em estado grave, o único sobrevivente da tripulação inglesa do aparelho. O comando brasileiro envolveu no mesmo elogio pelo ato humanitário que haviam praticado, o oficial patrício e o seu camarada do Exército norte-americano.

Mark Clark, êsse soldado notavel que muito temos admirado, permitiu aos oficiais da FEB usarem o distintivo do seu brilhante V Exército e tornou a concessão extensiva aos sargentos.¹⁶

Importante perceber como esses episódios possuem um significado particular, e como os soldados vislumbravam não somente as promoções, mas a importância de suas atitudes diante dos inevitáveis conflitos e situações com os quais se deparavam diariamente. As promoções, insígnias e distintivos, possivelmente eram os últimos pensamentos que passara na mente dos combatentes. Diante do terror do conflito, essas que simbolizavam suas ações, acabavam sendo a extensão do objetivo de suas missões.

O soldado expedicionário fazia bjetivoente patrulhas e ocasionalmente tomava parte de missões específicas. Todos os dias, eram destacados, entre os pelotões e companhias, grupos de soldados que deveriam realizar patrulhas. Havia três tipos básicos delas. A mais bjetivo era a de sondagem e informação, na qual os seus integrantes se aproximavam do território dominado pelo inimigo e verificavam seus dispositivos de defesa, as posições que ocupavam, as armas utilizadas, a quantidade de homens etc. Consultavam também habitantes locais e guerrilheiros que lutavam contra o nazi-fascismo, os “partigiani”. Deveriam evitar o contato e retornar com as informações para os comandantes. Outro tipo de patrulha era a que visava provocar o atrito com o inimigo, para sondar-lhes “na prática” os dispositivos de defesa e ataque. Finalmente, havia a patrulha mais perigosa, de “golpe de mão”, caracterizada por ir até o terreno inimigo e trazer prisioneiros para interrogatório, ou realizar alguma tarefa mais específica, embora secundária para as missões.

O perigo nessas patrulhas era constante. Morrer ou ferir-se eram possibilidades sempre presentes nas incursões a tais espaços desconhecidos, muitas vezes observados atentamente pelo inimigo. Emboscadas, minas terrestres e pequenas armadilhas escondidas em casas, móveis, objetos e até em cadáveres de soldados preocupavam tan-

16. Vida de acampamento. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

to os soldados quanto a troca direta de tiros e granadas. A letalidade só não era maior porque os dois lados evitavam ao máximo abrir fogo, pois tal atitude poderia revelar as posições dos soldados e de suas armas (ninhos de metralhadoras, por exemplo), tornando-os vulneráveis aos tiros da artilharia e dos morteiros inimigos. “Cuidado! O inimigo vê!” era um dos principais lemas, tanto entre soldados aliados quanto entre soldados do Eixo.¹⁷

A representatividade das ações dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira tem impacto significativo diante das suas atuações, ainda que, não sendo algo concludente, operaram de forma a contribuir nas táticas que foram estabelecidas pelo V Exército de Mark Clark. Os soldados brasileiros, norte-americanos ou ingleses que estavam em patrulhas nas montanhas geladas da Itália no inverno de 1944-1945 desempenhavam a sua parte na guerra, do mesmo modo que os combatentes americanos que transpiravam abundantemente em alguma ilha do Pacífico, ou que os soldados que desembarcaram na Normandia.¹⁸

Ainda sobre a página dois do jornal, pode-se encontrar uma coluna destinada ao agradecimento e homenagens ao “Zé Carioca”, que tinha como principal função, evidentemente, noticiar o que se passava pelo mundo. E como o próprio jornal diz: “E é porque o <<Zé Carioca>> é um resumo fiel e constante do noticiário internacional, que todos nós já nos habituamos a ele e o esperamos sempre com a mesma objetivo.”¹⁹

Em outra coluna, é destacado um programa em que passam músicas brasileiras e noticiário em português, sendo possível ser ouvido todos os dias, das 11:30 às 11:45, – Nossa Terra – através do microfone da “5th Army Expeditionary Station”, como menciona o jornal. Além da programação de ano novo, na qual, segundo o jornal, ocorrera um programa de rádio que foi transmitido para o Brasil pela B.B.C.

A transmissão, que se iniciou com o toque de Alvorada – a Alvorada de 1945 nos acampamentos brasileiros da Itália – contou com a palavra do sr. Major Reynaldo Saldanha e telegramas de Boas Festas que os soldados enviavam às suas Objetivo, telegramas êsses que foram apresentados em forma de autógrafos, à medida que iam chegando ao estúdio.

O programa foi um sucesso completo, confirmando-se assim, mais uma vez o prestígio de programador de Francis Hallawell.²⁰

Momentos como esses, sem dúvida, eram um alento na vida desses combatentes. O clima, território totalmente diferente do país de origem, causavam um fervor em retornar o quanto antes para a terra natal, ainda mais nas condições em que o fizeram presentes naquele período, mas sempre com a certeza do dever cumprido. Uma coluna em particular, chamada de “Cartas do Brasil”, chama atenção pela forma como é escrita, contando algumas histórias de

17. FERRAZ, Franciso Cesar. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2005. p. 48-49.

18. FERRAZ, Franciso Cesar. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2005. p. 52.

19. Zé Carioca. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

20. Programa de Ano – Novo. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

algumas cartas que eram escritas por pessoas que estavam no Brasil contando as “novidades” para os parentes que se encontravam em solo italiano, sendo assinada pelo Cabo José Cesar Borba – chefe da redação.

Na terceira página do primeiro jornal, da primeira edição, existem aspectos importantes que mostram as transformações e as notícias que ocorreram no Brasil, em paralelo com a guerra. A coluna – “O que vai pelo Brasil”, mostra assuntos da política, da guerra, das modificações estruturais que aconteceram no Brasil, economia, esporte e outros. Nessa perspectiva, destaca-se alguns destes que foram considerados relevantes para dar sustentabilidade ao que foi dito e também mostrar alguns pontos importantes para esse conflito que mobilizou brasileiros de diversas partes do país.

MERCADORIAS AMERICANAS PARA O BRASIL

A Federação das Industrias de São Paulo comunicou que o Governo dos Estados Unidos autorizou o aumento de exportações de mercadorias norte-americanas para o Brasil, a partir de 1945.

EMBAIXADOR DOS EE. UU. NO RIO

O Sr. Adolf Berle foi nomeado para o cargo de Embaixador dos Estados Unidos no Rio, em substituição ao Sr. Jefferson Caffery, que representou o seu país no Brasil por mais de sete anos, servindo atualmente na França.

CONSELHO NACIONAL DO PETROLEO

Foi aberto um crédito de quinze milhões de cruzeiros no Banco do Brasil, para atender às despesas com o Conselho Nacional de Petróleo.

ESTRADA DE FERRO CENTRAL NO BRASIL

Na estrada Rio-São Paulo foi inaugurado um novo ramal, ligando o quilometro 42 a Itacurussú, com o que fica encurtada de uma hora a viagem entre a capital do país e a Paulicéia.

APÓS-GUERRA

Foi criada a Comissão Brasileira de Socorro e Ajustamento, para tratar dos problemas de após-guerra.

DESENVOLVE-SE A MARINHA NACIONAL

A Marinha Brasileira conta com dois novos contra-torpedeiros, o Baependy e o Benavente, transferidos da Esquadra norte-americana para patrulhamento das costas do Brasil.

AUMENTO DE COMBUSTIVEL

O Coordenador da Mobilização Económica autorizou o aumento de 10 litros de gasolina para os veículos empregados no transporte de passageiros e carga, no Rio de Janeiro.

NUMERO DE IDENTIDADE PARA OS TELEGRAMAS

O diretor do Departamento de Correios e Telegrafos emitiu um aviso às famílias dos soldados expedicionários, esclarecendo que, doravante, devem fazer constar dos telegramas aos seus parentes no front italiano, além do número correspondente à unidade a que pertencem, o número de identidade das pessoas a que se dirigem.

VIVERES BRASILEIROS PARA O POVO ITALIANO

Uma informação do Vaticano diz que com os novos contingentes da F.E.B. chegaram também víveres brasileiros, com os quais o nosso país atende o apelo da população indigente de Roma.

O BRASIL ACOLHE REFUGIADOS DA GUERRA

De Bruxelas foi anunciado que chegou àquela Capital a resposta do Brasil aceitando receber os órfãos de guerra europeus, de acordo com a proposta belga enviada a algum tempo ao Rio de Janeiro.

CANDIDO PORTINARI

O grande pintor brasileiro Candido Portinari ofereceu um de seus quadros a uma sociedade feminina de auxílio às famílias dos convocados. O quadro, vendido em leilão, rendeu 55.000 cruzeiros.

DESFILÉ DA 2ª D.I.E.

Realizou-se dia 22 de dezembro no norte do Brasil um desfile dos novos contingentes da Força Expedicionária Brasileira, que, na sede da 10ª Região Militar, ultima os seus preparativos para vir se juntar aos camaradas que já se encontram na Europa, servindo com as Unidades da 1ª D.I.E. Para que o povo de Fortaleza pudesse assistir o desfile dos seus filhos, o comércio e as repartições públicas, cerraram as suas portas às 13 horas.²¹

Segundo os noticiários dessa terceira página do jornal, podemos perceber as particularidades d'além guerra, que sobrepõem o conflito no mediterrâneo. Dentre essas particularidades destaca-se dois: "Viveres brasileiros para o povo italiano" e "O Brasil acolhe refugiados da guerra". A partir dessas duas notícias, compreende-se que além de empregar força bélica, há também um emprego de ajuda humanitária por parte do governo e consequentemente da Força Expedicionária Brasileira em atender e prestar auxílio àqueles que necessitam. Principalmente as famílias que se encontravam na Itália e por conta da guerra, havia uma escassez de alimento altíssima. Ademais, o atendimento do governo brasileiro em receber refugiados que solicitaram a entrada e permanência no país para fugirem dos conflitos armados, além da fome, enfermidades e todos os aspectos da guerra que acabavam por contribuir para a retirada de milhares de pessoas dos seus lares europeus.

Interessante destacar também as transformações estruturais, econômicas e políticas que o país sofreu durante esse período. Percebendo a importância do desenvolvimento ferroviário para a mudança do cenário brasileiro em relação ao transporte, a influência e a participação dos Estados Unidos nessas mudanças, como por exemplo, prestar apoio a defesa das costas brasileiras, a presença do petróleo, e os produtos americanos que passaram a ser mais consumidos.

E, não menos importante, retomando ao eixo principal, a representação da Força Expedicionária Brasileira é percebida por meio dos noticiários: "DESFILÉ DA 2ª D.I.E.", "NÚMERO DE IDENTIDADE PARA OS TELEGRAMAS" e "CANDIDO PORTINARI". No primeiro, temos a expressão máxima da representação dos "pracinhas". Por meio do jornal, ainda que exista uma parcialidade do editor, há um ponto que denota como a população cearense tinha tamanho prestígio por aqueles que compunham a segunda divisão de infantaria da Força Expedicionária Brasileira. O fechamento das portas das repartições públicas, bem como dos comércios, mostra não somente a vontade dos parentes em prestigiarem e se despedirem dos seus familiares que embarcaram para a Itália, mas também da população como um todo em prestigiar os soldados que estavam indo dar apoio e complementar aos demais combatentes que já se encontravam em solo italiano.

21. O que vai pelo Brasil. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 3.

O desfile tinha mais de uma função, dentre elas, apresentar a tropa a população, mostrando através da D.I.E.²², a representação da defesa e soberania do país. Ainda que muitos soldados brasileiros já se encontrassem em combate no Mediterrâneo, o sentimento de repúdio diante dos ataques sofridos pelos submarinos alemães ainda pairava na nação. Em paralelo a essa questão, temos outro sentimento que culminava no meio social para que as pessoas assistissem ao desfile, a despedida e a saudade que pairava na população. Remetendo ao fato anteriormente mencionado, no segundo destaque o “NÚMERO DE IDENTIDADE PARA OS TELEGRAMAS” que evidencia o sentimento da população em dar força aos seus que estão em combate na Itália, bem como contar algumas novidades que se passam no Brasil.

Pode-se perceber por meio do aviso do diretor do Departamento de Correios e Telégrafos o aumento de envio de cartas para os soldados brasileiros, uma vez que, doravante solicita-se nas cartas enviadas que constem o número da unidade o qual o soldado pertence, além do seu número de identidade. Em terceiro e último, destaca-se a notícia “CANDIDO PORTINARI” a qual remete outro ponto de representação, desta vez sendo de um artista brasileiro – Candido Portinari²³ - para uma sociedade feminina que prestaram auxílio para as famílias dos soldados da Força Expedicionária Brasileira. Nessa situação constata-se novamente a importância e a representatividade realizada pelos soldados, mas agora sob uma perspectiva diferente, o impacto que causou no meio social brasileiro diante da ida dos soldados para a Europa. Diante do momento vivenciado, muitas famílias ficaram à espera dos combatentes, e em muitos momentos além de desencadear a perspectiva da volta desses soldados, gerava uma lacuna econômica no meio familiar.

Ao final da terceira página do jornal, no canto inferior esquerdo, tem-se uma nota sobre 6º Regimento de Infantaria que publicava um jornal de campanha no front, com propriedade, pois estavam à frente da batalha e sabiam o que realmente se passava. “E a cobra fumou” É este

22. Divisão de Infantaria Expedicionária.

23. Candido Portinari (Brodóski, São Paulo, 1903 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1962). Pintor, gravador, ilustrador e professor. Inicia-se na pintura em meados da década de 1910, auxiliando na decoração da Igreja Matriz de Brodóski. Em 1918, muda-se para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, ingressa no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), na qual cursa desenho figurativo com Lucílio de Albuquerque (1885-1962) e pintura com Rodolfo Amoedo (1857-1941), Baptista da Costa (1865-1926) e Rodolfo Chambelland (1879-1967). Em 1929, viaja para a Europa com o prêmio de viagem ao exterior, e percorre vários países durante dois anos. Em 1935, recebe prêmio do Carnegie Institute de Pittsburgh pela pintura *Café*, tornando-se o primeiro modernista brasileiro premiado no exterior. No mesmo ano, é convidado a lecionar pintura mural e de cavalete no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal, quando tem como alunos Burle Marx (1909-1994) e Edith Behring (1916-1996), entre outros. Em 1936, realiza seu primeiro mural, que integra o Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo. Em seguida, convidado pelo ministro Gustavo Capanema (1902-1998) pinta vários painéis para o novo prédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC) (1936-1938), com temas dos ciclos econômicos do Brasil, propostos pelo ministro. Em 1940, após exposição itinerante pelos Estados Unidos, a Universidade de Chicago publica o primeiro livro a seu respeito, *Portinari: His Life and Art*, com introdução de Rockwell Kent. Em 1941, pinta os painéis para a Biblioteca do Congresso em Washington D.C. com temas da história do Brasil, *Descobrimento*, *Desbravamento da mata*, *Catequese* e *Descoberta do Ouro*. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), candidata-se a deputado, em 1945, e a senador, em 1947, mas não se elege. Em 1946, recebe a Legião de Honra do governo francês. Em 1956, com a inauguração dos painéis *Guerra e Paz* na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, recebe o prêmio Guggenheim. Ilustra vários livros, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Alienista*, de Machado de Assis (1839-1908), entre outros. Em 1958, inicia um livro de poemas - editado por José Olympio em 1964 -, com textos introdutórios de Antônio Callado (1917-1997) e Manuel Bandeira (1886-1968).

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10686/candido-portinari>> Acesso em: 14 nov, 2019.

o nome de um jornal de campanha impresso pelos rapazes do 6º R.I. e que vem conquistando no front um grande público. O sucesso é perfeitamente compreensível. Mais do que ninguém o pessoal do 6º sabe como é que a << cobra fuma >>.²⁴

O nome do jornal carrega o símbolo da F.E.B, que é uma cobra fumando, justamente por estarem no combate aproximado, sabendo de fato os desafios enfrentados no front de batalha.

Na última página do jornal, ainda da primeira edição, é abordado as dimensões da guerra, os pontos alcançados por esta e como estava se configurando no cenário Europeu. Os pontos destacados em relação a guerra que se estende por todo continente Europeu são as frentes ocidental, italiana, russa e do pacífico, mostrando a participação das forças Aliadas contra os avanços do inimigo. Destaca-se do jornal os pontos relevantes à defesa contra os ataques dos alemães.

NA FRENTE OCIDENTAL

[...] O mesmo comunicado de ontem dizia que um forte ataque americano tinha sido desfechado contra Bastogne, outro núcleo dramático da presente ofensiva alemã. Ao sul e sudoeste desta cidade, o inimigo estabeleceu uma linha defensiva que se estende para mais de 20 quilômetros. [...]

FRENTE RUSSA

[...] De bjeti com o comunicado de ontem do Exército russo o inimigo ainda detém algumas posições na parte ocidental de Budapest, em Buda. No setor oriental de Pest, do outro lado da capital, a luta encarniçada, tendo os soviéticos irrompido pelas suas defesas internas, conquistando, além de muitos edifícios, a estação ferroviária de Rakos. [...]

[...] Entrementes, os aliados avançam também na Tchecoslováquia, fazendo progressos no setor de Lucenec, achando-se já a menos de 3 quilômetros daquela cidade. [...]

FRENTE ITALIANA

No fim da última semana, o inimigo realizou alguns progressos, tendo inclusive chegado a capturar Barga, depois de intenso canhoneio. Barga, que fica a 24 quilômetros de Lucca, foi retomada no último domingo pelas forças americanas do 5º Exército, vendo-se o inimigo obrigado a abandonar definitivamente os seus êxitos em todo o setor de Garfagnana. A aviação, inclusive contingentes da Força Aérea Brasileira, atuou tenazmente contra as comunicações em toda a frente de batalha e no norte da Itália.

FRENTE DO PACÍFICO

Depois de uma campanha de 12 dias, os americanos ocuparam, em definitivo, a ilha de Mindoro, nas Filipinas. Informa oficialmente o Departamento da Marinha. Tokio bjetivo alvo das Super Fortalezas Voadoras.

O 14º. Exército Inglês avança na Birmania.²⁵

Assim percebe-se como o âmbito da guerra se caracterizava, assim como as ações que estavam sendo tomadas para garantir ou ao menos bloquear e retardar os avanços das tropas

24. O que vai pelo Brasil. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 3.

25. A guerra em quatro frentes. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 4.

inimigas. Na “frente italiana”, temos em destaque ações da Força Aérea Brasileira²⁶, combatendo os posicionamentos dos inimigos e permitindo o avanço das forças terrestres – dos pracinhas – ao norte da Itália.

Uma coluna de bastante expressividade dentro do contexto de representação da F.E.B., e em particular, dos pracinhas, foi “A colaboração vivida”, onde destaca uma ação particular de uma patrulha brasileira no cumprimento de uma missão.

A colaboração vivida

O nosso jornal é o jornal dos soldados que lutam na primeira linha. Registará todos os feitos dos homens que se distinguirem em ação. Eis o primeiro registo, de acordo com os dados oficiais fornecidos pela secção competente do nosso Estado Maior.

Praças de um regimento de infantaria recebem do seu comandante, no dia 29 de dezembro de 1944, a ordem de realizar uma patrulha sobre o ponto X, fortemente organizado e defendido pelo inimigo. Constituem a patrulha: 3º Sargento 2694, Nilo de Moraes Pinheiro; o cabo 1046, Gil Cassimiro da Silva; e os soldados 4514, Mario Prates Teixeira; 3757, Lair Teixeira de Souza; 3749, Ricardo Fantine; 5989, José Manoel Maroco; 6805, Anibal dos Passos.

Sobre a neve, em meio aos perigos de toda a sorte que o terreno apresenta, destacam-se das linhas aliadas, em direção às posições alemães. Aproximam-se sem terem sido pressentidos, mas estavam diante do bjetivo de uma cerca de arame farpado, circundando três casamatas. Não desanimam: a ordem é procurar fazer prisioneiros. Aproveitando o terreno, esgueiram-se por uma vala proxima e circundam a cerca, até encontrar (não se sabe como) a única entrada nela existente, já completamente na retaguarda das linhas inimigas.

Faz alto a patrulha, sob o comando do sargento, e o cabo Cassimiro avança sozinho até a primeira das casamatas, onde se encontram cinco alemães. O primeiro que, surpreendido, tenta reagir é morto pelo cabo. E antes que os demais se organizem, a patrulha inteira entra na casamata.

Das outras duas o inimigo, alertado pelo primeiro disparo, cruza fogos sobre os brasileiros. Nada os impede de cumprir a missão até o fim. Regressam, debaixo de fogo, pelo mesmo caminho e trazendo ao seu comandante os quatro prisioneiros.²⁷

Diante a coluna sobre as ações dos combatentes brasileiros, analisando-se do ponto de vista do editor do jornal, destaca-se a notícia de forma a salientar as ações e o cumprimento do dever dos soldados, sem que estes tivessem alguma rejeição sobre a missão, ou menos um certo temor. Os fatos mencionados não trazem esses detalhes mais a fundo, permitindo fazer tal reflexão. Ademais, pode-se verificar sobre outra ótica que além da forma como foi escrita pelo editor, existe um significado e de certo modo a parcialidade tomada pelo editor, dá a possibilidade de suscitar novamente a palavra representação, pela qual trata este capítulo.

Logo no início da coluna, tem-se o primeiro ponto que chama bastante atenção que é como o próprio editor direciona o jornal, chamando-o de “o jornal dos soldados que lutam na primeira linha”. De fato, O Cruzeiro do Sul tinha propriedade para ser mencionado dessa ma-

26. Foi em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, que a Força Aérea Brasileira (FAB) teve seu batismo de fogo. A partir da junção de equipamentos aéreos e pessoal da Marinha, do Exército e do então Departamento de Aviação Civil (DAC), instituiu-se o Ministério da Aeronáutica, que teve na FAB seu braço armado.

Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/forcas-armadas/forca-aerea-brasileira>> Acesso em: 24 nov, 2019.

27. A colaboração vivida. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 4.

neira, pois o mesmo era produzido no ambiente em que se passa o fato. O segundo ponto é a menção sobre o fato, sendo sustentado pelos “dados oficiais fornecidos pela secção competente do nosso Estado Maior”. Para dar sustentabilidade ao que estava sendo escrito pelo editor do jornal, utiliza-se de dados oficiais para comprovar as ações dos combatentes, além das condecorações que eram realizadas.

Vários fatores explicam tal situação, que não constituía particularidade brasileira. Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo.²⁸

Portanto, percebe-se a utilização desse recurso como algo que viabiliza ou tenta dar margem para a veracidade do acontecimento, algo que era bastante utilizado anteriormente. É importante lembrar que tais fatos carregam muitos pontos que suscitam indagações sobre o episódio, como exemplo, a objetividade expressiva e partes do fato não mencionado, como na forma que conseguiram achar um local de entrada ao longo dos arames farpados. Entretanto, é importante mencionar que esse episódio em particular, leva a reflexão acerca da mensagem que é gerada dentro do contexto de guerra, principalmente a representação que essas ações podem significar para os demais soldados brasileiros que estavam em combate, fomentando o destemor e em medida, o dever de cumprir os objetivos designados pelos comandantes.

O valor desse acontecimento incorre na atuação desses pracinhas que se desdobra em uma mensagem de busca por fim dos inimigos que ameaçavam a liberdade de muitas nações, inclusive a do Brasil. A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. (CHARTIER, Roger. 2002. p. 20.)

A problemática do «mundo como representação», moldado através das series de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real.²⁹

Dessa forma é possível refletir sobre a história mencionada pelo jornal, segundo o editor, possibilitando a apropriação do fato por cada leitor, dando significado para o “mundo” representado.

Ainda na quarta e última página, da primeira edição, há uma coluna – “esta a nossa luta” – destinada a contar a história e o porquê da participação das Forças Armadas do Brasil na guerra. Nessa, verifica-se a expressividade do autor do jornal em denotar os pontos que levaram ao fato central – a guerra – e passa as ações tomadas pelas forças aliadas, como estão

28. **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora), - 2. ed., 1º reimpressão. – São Paulo : Contexto. 2008.

29. CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2º edição. Memória e Sociedade. Difusão editorial. 2002. p. 23-24.

se estabelecendo entre si e como essa interação permite a conquista do objetivo, a liberdade, assegurados por hora, por meio de força bélica. Por ser uma parte de extrema relevância, dentro conjuntura trabalhada, destaca-se a coluna na integralidade.

O significado da participação ativa das forças armadas do Brasil na guerra vai progressivamente se acentuando. O povo brasileiro pediu o rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo. Mais tarde reclamou a declaração de guerra em manifestações públicas que se estenderam por todos os Estados. A posição do nosso país não foi consequência da decisão de um ou poucos homens, mas resultou da espontânea demonstração feita, democraticamente, nas cidades e nos campos, por uma população conciente da atitude que assumia.

Esta luta é, na verdade, uma grande revolução mundial em torno dos ideais de Liberdade e de Justiça. A Revolução Francesa, de tão profundas consequências na vida dos povos, teve seus efeitos retardados em certos países. A de agora, aproximadas as nações pela velocidade dos transportes e pela rádio comunicação, envolveu desde logo o mundo. Não pode existir um país indiferente ao que se passa. Ou se é contra ou se é a favor. É a idéia da liberdade dos povos e dos homens que se lança à discussão e se discute com as armas.

Uma adesão passiva não estaria de acordo com as tradições e a maneira como de ser do brasileiro. O inimigo deve ser combatido onde se encontra. Um perigo deve ser anulado no lugar em que nasce. Aqui estamos, nesta Europa convulsionada, para destruir o que a nós se opõe, antes que a nossa terra e a nossa gente sejam atingidas pelos males da guerra.

Pela primeira vez na sua história, o Brasil tem soldados lutando ao lado de norte-americanos, ingleses, russos, sul-africanos, canadenses, escoceses, néo-zelandeses, australianos, indús e franceses e tantos representantes de povos libertados.

Estamos sob o comando de chefes aliados e os nossos generais comandam tropas de outros países. Na verdade, não existem diferentes exércitos. Desmentindo as lições do passado, foi possível criar um exército único para lutar por um único objetivo. E na ância da liberdade os soldados se confundem, vivem juntos, combatem lado a lado, morrem com a mesma fé.

O espírito de camaradagem que reina entre os demais aliados e nós é sentimento profundo que perdurará depois da guerra. Um novo mundo está sendo construído. Os operários da grande obra devem regressar aos seus lares levando uma sólida amizade pelos irmãos de armas, como garantia da paz futura. Mais do que os acordos diplomáticos ou os entendimentos de governo, o voto popular é que há de agir na política internacional, pela vitória dos princípios democráticos. Por que os soldados de agora, moços, concientes e decididos, serão os condutores de tantos povos aos quais já deram o exemplo do sacrifício.

Não se luta em vão por uma idéia. Não se esquece jamais a camaradagem dos campos de batalha. Essa idéia e êsse sentimento salvarão o mundo de novas guerras. É preciso consolidá-los.

Homens de todas as raças, diversos continentes e de línguas distintas, vemo-los irmanados pelas condições bjetivo da vida em campanha. A metralha, a lama, o cansaço, nada os torna diferentes. Reuniram-se em um esforço comum. Defendem os seus lares, iguais em qualquer parte do mundo. Asseguram a si próprios o direito de viverem livres e praticam, entre combatentes, os princípios de independência e de respeito mútuo em nome dos quais foram arregimentados.

Liberdade, igualdade e fraternidade.

São agora nações que se revoltam para que esta divisa seja vitoriosa. Junto ao direito dos homens, o direito dos povos. O exército a que pertencemos não é brasileiro, britânico, americano ou russo. É o exército aliado, é o do mundo livre. É o exército que luta para que as nações possam escolher a sua própria vida e para que os homens, em cada uma delas, tenham a força de determinar como desejam viver.

Em um grande abraço, com as expressões de cordialidade expressas nas mais diferentes bjetiv, os soldados da Democracia saúdam-se neste início de um novo ano, como craidores de uma nova concepção da vida. E eles a defenderão, unidos sempre.

Reynaldo Saldanha³⁰

Nas palavras do Major Reynaldo Saldanha – chefe da sessão especial da F.E.B, tem-se o conceito de representatividade por meio das decisões e ações dentro e fora do continente brasileiro. O povo brasileiro já carregava o sentimento de patriotismo e revolta em relação aos acontecidos de 1942, com os torpedeamentos dos navios mercantes que foi o estopim para uma revolta que repercutiu em todo território do Brasil. O governo se viu pressionado pela população que queria uma resposta à altura.

Destaca-se dois conceitos apontados pelo Major: Liberdade e Justiça. Inseridos no contexto de guerra, tem-se uma noção ampliada, de forma a se ter uma reflexão em torno do Brasil e fora do continente brasileiro.

Analizando o Brasil, havia uma controvérsia, pois o governo brasileiro, durante o governo de Vargas³¹, tinha uma certa admiração diante os métodos praticados pelo governo alemão.

30. Esta a nossa luta. **O Cruzeiro do Sul**. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 4.

31. Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS), em 1882. Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (1907), elegeu-se pelo Partido Republicano Rio Grandense. deputado estadual, deputado federal e líder da bancada gaúcha, entre 1923 e 1926. Foi Ministro da Fazenda de Washington Luís (1926-27) e presidente do Rio Grande do Sul (1927-1930). Em 1929 candidatou-se à presidência da República na chapa oposicionista da Aliança Liberal. Derrotado, chefiou o movimento revolucionário de 1930, através do qual assumiu em novembro deste mesmo ano o Governo Provisório (1930-34). Durante este período, Vargas deu início à estruturação do novo Estado, com a nomeação dos interventores para os governos estaduais, a implantação da justiça revolucionária, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e a promulgação das primeiras leis trabalhistas. [...] Durante o período em que governou constitucionalmente o país, cresceu a atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB), de inspiração fascista, e surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento polarizado pelo Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB). O fechamento da ANL, determinado por Getúlio Vargas, bem como a prisão de alguns de seus partidários, precipitaram as conspirações que levaram à Revolta Comunista de 1935, que eclodiu em novembro em Natal, Recife e no Rio de Janeiro. Em 1937, preparavam-se as eleições presidenciais para janeiro de 1938, quando foi denunciado pelo governo a existência de um plano comunista, conhecido como Plano Cohen. Esta situação criou um clima favorável para a instauração do Estado Novo, que ocorreria em novembro deste ano. Com a instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas determinou o fechamento de Congresso, outorgou uma nova Constituição, que lhe conferia o controle dos poderes Legislativo e Judiciário. No início do mês seguinte, Vargas assinou decreto determinando o fechamento dos partidos políticos, inclusive a AIB. Em 11 de maio de 1938, os integralistas insatisfeitos com o fechamento da AIB, invadiram o Palácio Guanabara, numa tentativa de deposição de Vargas. Esse episódio ficou conhecido como Levante Integralista. Entre 1937 e 1945, duração do Estado Novo, Getúlio Vargas deu continuidade à estruturação do Estado, orientando-se cada vez mais para a intervenção estatal na economia e para o nacionalismo econômico. Foram criados nesse período o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Fábrica Nacional de Motores (FNM), entre outros. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, Vargas manteve um posicionamento neutro até 1941, quando da assinatura do acordo entre Brasil e Estados Unidos, pelo qual o governo norte-americano se comprometia a financiar a construção da primeira siderúrgica brasileira, em troca da permissão para a instalação

O governo nazista e seus métodos conquistaram admiração em vários lugares do planeta, inclusive no Brasil, especialmente entre aqueles que o viam como exemplo de sucesso no combate ao bolchevismo e no controle do conflito social.³²

A forma como Vargas conduzia o governo até a declaração de estado de beligerância, causa uma dubiedade, uma vez que via com bons olhos os métodos do governo nazista, em medida que, posteriormente, declarando guerra aos países do Eixo, cria e forma a F.E.B que atuou na defesa e liberdade da nação brasileira. Como analisado, o clamor popular para que o país atuasse contra os inimigos da liberdade foi fundamental para rechaçar os avanços das tropas do Eixo e em paralelo defender a honra de toda a nação contra os ataques que sofrera em 1942.

Com o término do conflito em 1945, as pressões em prol da redemocratização ficaram mais fortes, uma vez que o regime do Estado Novo não se coadunava com os princípios democráticos defendidos pelos países aliados durante todo o conflito. Apesar de algumas medidas tomadas, como a definição de uma data para as eleições, a anistia, a liberdade de organização partidária, e o compromisso de fazer eleger uma nova Assembléia Constituinte, Vargas foi deposto em 29 de outubro de 1945, por um movimento militar liderado por generais que compunham seu próprio ministério.³³

Nesse sentindo, não tinha mais razão o governo brasileiro, representado por Vargas, continuar com medidas que coadunam com os nazistas. Em razão disso, ocorre a mudança interna com a substituição de Vargas por generais militares que compunham seu ministério.

Em contrapartida ao ponto anterior, fora do continente brasileiro, em solo Europeu – Itália, a atuação das Forças Armadas, em específico as ações da Força Expedicionária Brasileira, tiveram um significado bastante expressivo, uma vez que todo o desempenho, por intermédio dos soldados – pracinhas, carregavam uma responsabilidade de combater os avanços do Eixo, além de representarem a força, a liberdade e a proteção dos povos coagidos pelos inimigos, inclusive a nação brasileira que já sentira os ataques dos alemães. No que concerne aos feitos brasileiros, representando todos aqueles que tiveram, de alguma forma, suas vidas impactadas pela guerra, pelas ameaças do inimigo. As emboscadas, as conquistas dos montes na Itália, cada atuação dos soldados e principalmente a presença dos brasileiros em solo Europeu, representava o senso de justiça sobre as notícias que se tinha conhecimento acerca das ações do Eixo durante o século XX.

É notório a presença da palavra Liberdade durante toda a primeira edição do jornal. Desde a capa, onde se tem a manchete, com as mensagens dos comandantes das tropas Aliadas

de bases militares no Nordeste. Após o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães, em 1942, foi declarado o estado de guerra à Alemanha, Itália e Japão - países do Eixo. Em novembro do ano seguinte, Vargas criou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), cujo primeiro escalão foi mandado em julho de 1944 para combater na Itália. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/getulio_vargas> Acesso em: 28 nov, 2019.

32. FERRAZ, Franciso Cesar. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de janeiro. Editora Zahar. 2005. p. 8.

33. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/getulio_vargas> Acesso em: 28 nov, 2019.

do V Exército norte-americano e da F.E.B., até a quarta página, onde o chefe da seção especial, Major Reynaldo Saldanha, relata no final da página, sobre as atividades das forças armadas do Brasil e de outras nações.

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. É sabido como Paul Ricoeur quis construir essa teoria da leitura apoiando-se, por um lado, na fenomenologia do acto de ler; por outro, na estética da recepção.³⁴

Conforme o Chartier menciona, a relação das palavras com o leitor faz-se necessário a compreensão dos discursos, como o texto impacta o leitor, levando a uma releitura do mundo e em torno de si.

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.³⁵

A apropriação do discurso de liberdade, de justiça e, principalmente, de representação, na qual utiliza-se neste capítulo, através do jornal O Cruzeiro do Sul, tem sido apoiado pelas ações dos soldados brasileiros mediante os conflitos sociais que ocorrera na Segunda Guerra Mundial.

O jornal, por meio dos seus escritos e formatação, permitiu realizar uma análise mais profunda, em que foram destacadas as posições das informações principais, que tiveram a função de transmitir as notícias com mais ênfase. Foi possível identificar características representativas da Força Expedicionária Brasileira, através de palavras e expressões chaves, como por exemplo, “liberdade”.

Referencias

CERTEAU, Michel de. A Escrita da história/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 23.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. 2º edição. Memória e Sociedade. Difusão editorial. 2002. p. 24.

FERRAZ, Franciso Cesar. Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2005. p. 8.

MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. Nº 57 – dezembro de 2003. p. 4.

34. CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2º edição. Memória e Sociedade. Difusão editorial. 2002. p. 24.

35. CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2º edição. Memória e Sociedade. Difusão editorial. 2002. p. 26.

PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, Dércio Cardoso. O PERIÓDICO O CRUZEIRO DO SUL (1945): UMA ANÁLISE INICIAL. 10 encontro internacional de formação de professores. 11 fórum permanente internacional de inovação educacional. p. 2.

Fontes:

Acesso em: <<https://www.dicio.com.br/ordem-do-dia/>> Acesso em: 20 out, 2019.

Falam os Chefes Aliados para “O Cruzeiro do Sul”. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 1.

Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

Fala o expedicionário à sua família na noite de Natal. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

Vida de acampamento. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

Vida de acampamento. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

Zé Carioca. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

Programa de Ano – Novo. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 2.

O que vai pelo Brasil. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 3.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10686/candido-portinari>>
Acesso em: 14 nov, 2019.

O que vai pelo Brasil. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 3.

A guerra em quatro frentes. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 4.

FAB. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/forcas-armadas/forca-aerea-brasileira>>
Acesso em: 24 nov, 2019.

A colaboração vivida. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 4.

Está a nossa luta. O Cruzeiro do Sul. Publicação do serviço especial da F.E.B. Itália. 3 de janeiro de 1945. Nº I – Ano I. Edição 01. p. 4.

Getúlio Dornelles Vargas, Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/getulio_vargas> Acesso em: 28 nov, 2019.